

João Santos Lopes

Riscos no pó da estrada junto ao embondeiro



GRANDE PRÉMIO FUNDAÇÃO INATEL
INATEL/TEATRO - NOVOS TEXTOS 2011

Ficha técnica

Novembro de 2011

Edição: INATEL

Arranjo Gráfico: INATEL

Impressão: Palmigráfica – Artes Gráficas

Tiragem: 250 Exemplares

ISBN: 978-972-9208-98-0

Depósito Legal: 337250/11

João Santos Lopes

RISCOS NO PÓ DA ESTRADA JUNTO AO EMBONDEIRO

Grande Prémio Fundação Inatel
INATEL/TEATRO - Novos Textos 2011



RISCOS NO PÓ DA ESTRADA JUNTO AO EMBONDEIRO

NOTAS

“EMBONDEIRO”

Árvore de grande porte típica da paisagem africana, capaz de armazenar muita água no tronco, que se pode beber mesmo durante longos períodos de seca. Alguns embondeiros têm fama de terem milhares de anos, mas como a sua madeira não cria anéis de crescimento, não há provas científicas. Por toda a África as culturas nativas costumam associar esta árvore ao MAL, porque se acredita que os espíritos malignos habitam os seus ramos. Segundo uma lenda árabe, foi o Diabo que desenterrou o embondeiro, enfiou os ramos na terra e deixou as raízes no ar. Devido à forma pouco vulgar, é também denominada de “árvore de pernas para o ar”, e pelo fruto em forma de abóbora, de “árvore de pão de macaco”. Na savana, é muito comum ver-se conjun-

tos de embondeiros que se assemelham a manadas de elefantes “de madeira”.

“PULA”

Forma popular como em Angola é designado o branco português. A alcunha é usada por vezes carregada de agressividade, resultado do ressentimento ainda existente pelos séculos de dominação colonial e pela guerra de libertação.

“MABECO”

Canídeo que vive em zonas de savana e de vegetação esparsa. Predador de pelagem com manchas de várias cores (também denominado cão – caçador - africano)

“COTA”

Termo usado pelos jovens para designar uma pessoa mais velha, homem ou mulher (do quimbundo kota)

PERSONAGENS

ANTÓNIO	(homem, branco, 70 - 75 anos)
YURA	(mulher, negra, 20 - 25 anos)
1º JOVEM	(homem, branco, 20 - 25 anos)
2º JOVEM	(homem, branco, 20 - 25 anos)
3º JOVEM	(homem, branco, 20 - 25 anos)
4º JOVEM	(homem, branco, 20 - 25 anos)

Algures nos nossos dias, num pequeno país do Sul da Europa, antigo império colonial, onde as guerras

de independência das ex-colónias deixaram até hoje profundas marcas em carnes, mentes, famílias, e na sociedade em geral.

Os quatro jovens masculinos existem apenas na mente de António, enquanto pensamentos, recordações, memórias traumáticas, “fantasmas” do passado. São ex-soldados mortos na guerra colonial, que o “visitam” com regularidade, “falam” com ele e “tratam-no”, como se todos existissem no mesmo tempo e no mesmo espaço.

SÍTIOS

Um local isolado, no interior rural do país. As acções decorrem numa pequena casa de campo de madeira, em mau estado de conservação, dentro dum pinhal atravessado por auto-estrada recente. Esta já permite tráfego automóvel, mas continuam obras de expansão. Um trilho de terra batida liga a casa ao acesso à via rápida, através do estaleiro da empresa construtora, e também a uma outra estrada secundária que leva à povoação mais próxima.

ESPAÇOS DE CENA

A **SALA** decorada com muita simplicidade, chão de tábuas gastas a necessitar de limpeza, sem tapetes. Uma estante com prateleiras tortas e cheias de livros ocupa a parede do fundo, à excepção duma faixa do topo ao tecto, e do espaço da porta à esquerda alta, que dá acesso ao quarto. Em cima da estante estão arrumadas duas espingardas. No centro da parede da esquerda, há uma porta que dá passagem para a antecâmara de acesso ao alpendre, através da porta

principal da casa. No centro da parede da direita, uma porta dá acesso à cozinha. No canto à direita alta, está um pequeno sofá rasgado nos braços, e mesinha de leitura ao lado. Em cima dela um telefone antigo e um candelabro de três velas. No canto à esquerda baixa, está um cadeirão velho coberto com manta colorida. No canto à direita baixa, está uma lareira de ferro com brasas acesas que tem em cima do parapeito outro candelabro de três velas. No centro da sala está uma pequena mesa rectangular e duas cadeiras, mobiliário muito usado. Em cima da mesa vêem-se mais livros e outro candelabro de três velas. Uma janela larga permite que de dentro da sala se veja parte do alpendre e do terreno no exterior.

O *ALPENDRE*, também de madeira, ameaçando derrocada, onde se encontra apenas uma velha cadeira de baloiço. Três degraus estreitos ligam as tábuas da plataforma ao terreno. Em redor do alpendre crescem plantas silvestres.

CENA 1

[Uma manhã gelada e ventosa de Inverno. Som de rajadas de vento forte. Na sala, António vai cambaleando, enquanto tenta apagar os candelabros. Depois de o fazer senta-se à mesa e deita a cabeça em cima dos livros. Em cima do tampo está uma garrafa de whisky vazia. Quatro jovens, vestidos com roupas dos anos 60, do século XX, observam-no atentamente, cada um num canto da sala. Ouvem-se latidos e uivos de cães, ao longe.]

1º JOVEM

O chacal consegue farejar a tempestade, porque está na natureza de qualquer cão - lobo ser capaz de o fazer. Muito antes de estalar uma começa a uivar porque já pressentiu o perigo que corre, mas a sua preocupação é pôr a salvo as crias e defender o seu clã. O receio que sente, não faz com que os abandone ao destino. Mas tal como nós, as suas pupilas dilatam quando vê algo que deseja, e como todo o impiedoso salteador de ocasião nunca fica satisfeito com o que consegue lucrar, quer sempre mais. É por isso que não esquece os locais das grandes matanças, onde teima em regressar em busca de alguma carcaça esquecida ainda por limpar. Mesmo quando rouba a comida ao leão, e a vai comendo à pressa enquanto foge, não ignora os bocados de carne que deixa cair no chão e ficam para trás. Porque todos lhe fariam bom proveito. Em África, os animais e os homens podem comer muito ou pouco; podem morrer de fome, ou banquetear-se em festins de

abundância. Mas enquanto estão vivos, nunca se sentem fartos.

2º JOVEM

Sempre que o vento se levantava bravio, parecia que nada seria capaz de ficar de pé. Era vento a sério. Vento macho do rugido do leão, diziam os velhos indígenas. Como se ele nos quisesse avisar: não vão impedir-me de fazer o que quero, porque não respondo perante os mortais. Diante da vossa fraqueza, sou o único senhor da minha vontade. Durante dias derrubava tudo o que não fosse capaz de lhe resistir. Era assustador, mas belo de se ver. Precisávamos de ver beleza à nossa volta...mesmo na desolação!

3º JOVEM

Quando por fim o vento parava, então caía chuva fêmea que inundava tudo, arrastando corpos e destroços. Os rios transbordavam, e as lamas iam fecundar as margens e campos a perder de vista. Chegada a calma, ficava no ar um cheiro carregado a terra prenhe. Um bafo quente de vida nova fumegava do chão, sob o clarão de relâmpagos medonhos que riscavam o céu sem limites, em cenários de apocalipse. Depois de uma tempestade vinha mais calor. O suor nunca parava de escorrer pelos nossos corpos.

4º JOVEM

Nenhum de nós conseguia dormir sem sobressaltos e inquietações. As noites sem lua custavam mais a passar do que as outras, porque no escuro de África

tudo se esconde e pouco se deixa revelar. Todos sonhávamos com o dia da nossa partida, mas acreditando que ele nunca iria chegar. Sabíamos que para não termos pesadelos, não devíamos pensar demais acordados. Mas ali tínhamos sempre tanto em que pensar...

[António interrompe-o com rudeza, mas num tom arrastado, efeito do álcool e do cansaço.]

ANTÓNIO

Calem-se! Não continuem...

1º JOVEM

Tem a certeza que é isso que quer?

ANTÓNIO

Tenho. Sim, tenho...

1º JOVEM

Quer deixar de nos ouvir?

ANTÓNIO

Quero, quero....

1º JOVEM

Está mesmo certo que é essa a sua vontade?

ANTÓNIO

Estou! Chega de perguntas...

2º JOVEM

É melhor escutar tudo o que lhe queremos dizer, porque é do seu interesse!

ANTÓNIO

Mas eu não quero ouvir mais nada...

3º JOVEM

Não faz sentido deixarmos a nossa conversa por acabar... Certos assuntos quando começam a ser tratados, devem levar-se até ao fim.

ANTÓNIO

Já disse para se calarem! Basta de insistências. Tenho de descansar e preciso de ficar em silêncio.

4º JOVEM

Sabemos como as recordações são importantes para si! É a razão de estarmos reunidos. Connosco, está na companhia de quem o compreende.

ANTÓNIO

Desapareçam! Ouviram? Desapareçam!

[Os jovens aproximam-se dele.]

1º JOVEM

Que estranha hostilidade! Não queremos abandoná-lo já. É ainda cedo para despedidas. Ficámos consigo durante a noite e vamos continuar. Sabemos que precisa de nós!

ANTÓNIO

Não vos quero mais comigo! Deixem-me sozinho!

2º JOVEM

Se estamos aqui, foi porque desejou a nossa presença.

ANTÓNIO

Nunca quis que viessem! Nunca quis...

3º JOVEM

Agora dá em mentir a si próprio! Se continuar assim, um dia destes ainda lhe fazemos uma visitinha no manicómio. Sabe que foi a sua vontade que nos trouxe cá. Não quer aceitar a verdade porque é

orgulhoso e já nasceu o dia. A noite para si demorou a passar, e as luzes da manhã fazem com que os seus pensamentos fiquem mais confusos.

ANTÓNIO

Tentam iludir-me, mas não deixarei que me enganem. Os vossos truques não vão resultar em mim. Eu sou capaz de vos fazer frente...

[Levanta-se, cambaleando.]

4º JOVEM

Devia reconhecer que nos chama, sempre que abre outra

garrafa de whisky. Se a ambrósia é a bebida dos deuses, o whisky é o perfume ordinário dos homens solitários. O bafo da sua boca nunca mente. Se não nos quer consigo porque é que continuamos a vir ao seu encontro?

ANTÓNIO

É só um desvario da minha imaginação. Sei que não estou louco, apenas muito cansado. A noite levou-me as forças e a minha cabeça parece que estoira...

1º JOVEM

Não procure desculpas fantasiosas para justificar os actos. Passou a noite de garrafa na mão, obcecado

por esvaziá-la. Se os seus delírios são constantes, então a fantasia já se tornou na realidade, e não lhe resta mais nada senão viver nela.

. 2º JOVEM

Como a solidão não lhe apazigua o espírito, quer ter-nos junto de si. Ao contrário do leopardo, que resiste sozinho porque se move como um fantasma, os homens perdidos têm de encontrar outros da sua espécie para sobreviverem.

3º JOVEM

Convocou-nos mais uma vez, e nós viemos como sempre fazemos. Não precisa pedir-nos em voz alta. Sabemos bem como é evasivo. Basta-nos o seu cheiro, para percebermos quando nos quer reencontrar.

ANTÓNIO

São habilidosos no uso das palavras, e dominam as artes do engano, mas resistirei às vossa manhas...

4º JOVEM

Não insista em mentir-nos e em comportar-se como criança birrenta. Enquanto finge acreditar no que diz, o seu hálito prova-nos o contrário. É um sacana furtivo, mas não é por isso que deixamos de o visitar.

ANTÓNIO

Não suporto as vossas vozes. São como punhais na minha cabeça. Preciso de whisky. Só um trago será suficiente. Com mais um gole vou fechar os olhos e dormir...

Pega na garrafa e percebe que está vazia.]

1º JOVEM

Satisfazemos apenas as suas necessidades. Fizemo-lo em África e continuamos a fazê-lo cá. Sempre que esse fedor que sai da sua boca se fizer sentir.

2º JOVEM

Cavámos aqui uma trincheira para estarmos junto de si. Cavámo-la bastante funda, até às profundezas do Inferno. Como é aliás própria de uma boa trincheira!

3º JOVEM

Os jovens crédulos acreditam em quimeras, e que depois de tormentas vêm dias de felicidade. Mas em pequenos não aprendem a abrir sepulturas por entre rajadas e estilhaços. Deviam ensinar-lhes cedo tudo o que é mais importante.

4º JOVEM

Aquela não era sequer uma guerra decente! Numa a sério e respeitosa dos mortos que faz, tem de haver trincheiras altas que sirvam de campas fundas. Assim como pulgas e ratos. Lá, só havia mato da altura de gigantes, e micróbios de negros por todo o lado!

ANTÓNIO

É apenas isso que são; o ruído de ratazanas gordas com a pança cheia de sangue, roendo o interior do meu cérebro. Se adormecer, deixarei de vos ouvir...

1º JOVEM

Não se torne ainda mais deprimente! Sabe que não vai conseguir fechar os olhos. Deixou que nascesse o dia, mas mesmo exausto, continua acordado. A sua vontade já não tem importância.

ANTÓNIO

Procuram confundir-me para me dominarem, mas se pensar a sério em dormir serei capaz de o fazer...

1º JOVEM

É enfadonho ouvi-lo insistir nesse absurdo! Não esqueça que os homens que teimam em pensar demais, acabam por cegar-se a si próprios.